

Brasil



ESTAVA EM ABRIGO

Tutor chora ao reencontrar cadelã

Ani mal havia sido resgatada das enchentes em Canoas



Ficou para trás. Bombeiros em bote no Centro de Porto Alegre: alagamento levou moradores a procurar refúgio em outros estados, como Santa Catarina, ou no litoral Norte do Rio Grande do Sul

SEM CASA, EM OUTRO ESTADO, E NA INCERTEZA DESALOJADOS E DESABRIGADOS SÃO NOVOS REFUGIADOS CLIMÁTICOS

FERNANDA ALVES, FELIPE GELANI E PAMELA DIAS
fernanda.alves@globo.com.br

Desde que começaram a chover no Rio Grande do Sul no dia 29 de abril, a tragédia que causou até ontem a morte de 126 pessoas também deixou quase 340 mil gatos fora de suas casas. Neste grupo, muitos optaram por abandonar não apenas a residência, mas o estado. Todos carregam em comum a tristeza por se afastar da terra natal, assim como a lembrança do medo e incerteza vividos antes. Alguns já falam em começar uma nova vida em outro lugar. E entre os que voltam, é comum ouvir que, assim como as águas baixaram, se apresentaram para trabalhar em ajudar quem ficou e recuperar o que foi destruído.

Para o líder em mudanças climáticas do WWF-Brasil, Alexandre Prado, essas pessoas que tiveram de deixar suas casas por causa de enchentes ou deslizamentos já podem ser considerados "refugiados climáticos".

— Não são os primeiros e certamente não serão os últimos — alertou.

A Agência da ONU para Refugiados defende o uso do termo apenas para quem mudou de país por causa do clima. Mas os que vivem hoje os moradores do Rio Grande do Sul que tiveram de se retirar às pressas de lares alagados

ou ameaçados de serem destruídos pela força das águas se adequa à definição de refugiado climático criada em 1985 pelo professor Essam El-Hinnawi, do Programa da ONU para Meio Ambiente: pessoas forçadas a deixar seu habitat tradicional, temporária ou permanentemente, "por causa de uma perturbação ambiental acentuada, natural ou desencadeada por pessoas, que comprometeu sua existência ou afetou seriamente a qualidade de vida".

'HORRÍVEL ABANDONAR TUDO'

A cabeleireira Paula Lessa, de 42 anos, que desde a quarta-feira mora na casa de uma prima no Rio, saiu de Porto Alegre sem previsão de volta. A decisão foi tomada depois de ver as ruas ao redor do seu prédio, no 4º distrito, serem tomadas pela água que atingiu também o seu salão de beleza. Paula já procura emprego e tem o chimarrão como o principal elo com a vida de até duas semanas atrás.

— É horrível ter que abandonar tudo que você construiu. Nunca me imaginei nessa situação de total desespero. A gente vê refugiados fugindo da guerra, parece distante, nunca imaginamos que vai acontecer com gente. De um dia para o outro você perde a sua casa, o trabalho, a condição de se manter, a dignidade, os sonhos e até a esperança. Mesmo assim, entos grata por ter sido acolhida no Rio.

A cabeleireira faz o que chama de "rota de fuga", em parte com uma carona até Santa Catarina e depois, em



Chimarrão é o elo. Paula Lessa quer reconectar no Rio



Família insiste. Clarissa Barreto foi para Santa Catarina

EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE DESALOJADOS NO RIO GRANDE DO SUL EM SETE DIAS



um ônibus até o Rio. A mais

de 1,5 mil km de Porto Alegre, acompanha as notícias sobre o estado natal, preocupada com a mãe.

— Ela não quis sair de jeito nenhum, então a colocamos na minha casa com todos os mantimentos que tínhamos. Devem ser suficientes

para que ela fique ao menos um mês segura — relata.

No caso da publicitária Clarissa Barreto, de 44 anos, foi preciso a insistência da família para ela deixar Porto Alegre ontem com o filho Rafael, de 10 anos, e os dois cachorros rumo à Santa Catarina.

— Minha casa não chegou

a alagar, o que me impactou foi falar água. Mesmo assim, decidi sair para ficar perto da minha família, que está toda se reunindo em Santa Catarina, para se amparar nesse momento difícil. É uma sensação ruim, desconfortável, a de deixar pessoas para trás.

Espero voltar para poder atuar nos abrigos e nos mutirões de limpeza — conta.

O antropólogo Everson Fernandes, de 37 anos, é catarinense e foi para Porto Alegre em 2019, para um doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ele define a cidade como "seu lugar". A decisão de voltar à Santa Catarina, para a casa da irmã, veio após ver seu prédio no bairro Menino Deus ficar ilhado.

— Sai quando a água já estava batendo na minha cintura. Senti culpa e impotência muito grande por estar deixando a região da qual eu vim. Nem casa tinha para ficar. Se tivesse, provavelmente não teria saído. Quero poder voltar e trabalhar como voluntário — adianta.

Santa Catarina também foi o destino da professora de educação infantil Ariane Feldmann, de 39 anos, após Canoas, na Região Metropolitana de Porto Alegre, ser tomada pela enchente. Com a família, Ariane se abrigou com a família na casa da irmã, em Palhoça, na segunda-leira. Ao contrário de seus parentes maternos, que perderam tudo para as chuvas, a água não chegou ao bairro Niterói, onde mora. Mas o medo de ficar ilhada com os quatro filhos, inclusive uma menina de 1 ano, fez com que ela e o marido saíssem.

— Ficamos três noites sem dormir, acompanhando de hora em hora a água avançando. A minha irmã saiu só com a roupa do corpo porque a casa dela encheu até o segundo andar. Decidimos ligar para a minha outra irmã, que foi nos buscar de carro. Viemos em seis pessoas, dois cachorros e dois gatos — conta a gaúcha.

De acordo com a professora, a família deve retornar para o Rio Grande do Sul quando a situação estiver menos crítica e as atividades escolares voltarem, visto que ela precisa trabalhar.

— Ainda não sabemos como vão ser nossos próximos dias. Muitos amigos e parentes estão cogitando vir para Santa Catarina. As chuvas estão voltando e estamos muito aflitos. Tenho familiares em abrigos e estou tentando ajudar à distância — afirma. — Tem uma mobilização catarinense grande e isso é o que nos dá esperança.

RUMO AO LITORAL

São comuns os moradores que trocam cidades atingidas pelas chuvas por municípios do litoral, como Osório, Imbé e Tramandaí. O analista de suprimentos Matheus Berra, de 29 anos, saiu de Canoas rumo à Osório, na região Norte, com o filho de 4 anos e a gata Alaska.

— Eu perdi a casa, o que havia dentro, roupas, móveis, eletrodomésticos. Deixei a cidade com meu filho no começo das chuvas, como prevenção. Foi a decisão correta, porque depois a água tomou conta da casa, atingiu até o telhado. Meu maior desafio é estar com uma criança de 4 anos há mais de 100 km do lar, em uma residência que não é dela. A vontade de chorar é constante. Basta uns minutos sozinho, semharalho e essa vontade chega — relata Berra, que prevê ficar por semanas na casa da namorada até encontrar alternativas para reconectar a vida.